

Educação-Diversidade-Igualdade: num tempo de encanto pelas diferenças

Azoilda Loretto da Trindade¹

RESUMO

O texto tecido com causos, músicas, fragmentos de textos teóricos, contos... é um convite a reflexão acerca da diferença transitando no terreno da Igualdade e Diversidade da nossa condição humana. Tem, assim, como um dos objetivos apresentar diversos modos de expressão do humano como afirmação que nem a ciência, nem a racionalidade são os únicos, verdadeiros e mais importantes caminhos de compreensão e apresentação/explicação do mundo

Ao escrever este texto, lembrei-me de um dito popular que diz: *Passarinho que está em muda não canta*. Talvez eu devesse ficar quieta, mas, resolvi compartilhar algumas inquietações acerca do eixo “EDUCAÇÃO-DIVERSIDADE-IGUALDADE num tempo em que me encanto pelas Diferenças”.

Certamente, minhas inquietações são marcadas pela minha história de vida, pelo que meus sentidos captam do/no cotidiano, nos encontros ainda que desencontrados que tenho pela vida. Sabe aquela sensação de levar desaforo pra casa? Pois é isso, as minhas inquietações são resultados não só dos desaforos, mas das marcas que os encontros deixaram e deixam em mim do/no trabalho, dos/nos estudos, da/na rua, das amizades, das desavenças... Esse encantamento, deslumbre, afetação com o mundo produz inquietações, reflexões, produções, caminhos, trajetos, percursos, trajetórias de destino ignorado, inscrições na minha existência. Por isso, resolvi compartilhar humildemente estas frágeis reflexões. Humildade, não no sentido subalterno ou minimizado do que compartilho, mas de compartilhar não apenas o lado racional, mas também as coisas marcadas por uma visceralidade. Compartilho meus redemoinhos mentais e espero que eles encontrem os seus e que também, nesta direção, tenhamos a disponibilidade de trajetórias reflexivas de destino ignorado.

"(...), o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para gente é no meio da travessia. Mire e veja: o mais importante e bonito desse mundo é: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas -- mas que estão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade maior é o que a vida me ensinou" (Guimarães Rosa)

Preciso, antes de efetivamente continuar este texto, negritar aspectos que considero significativos no que se refere a pensar e a instituir práticas pedagógicas na perspectiva multicultural crítica, criativa e inclusiva, diante do trinômio: *Educação, diversidade e igualdade*:

- Estamos no território fluido do *trans*, do *indo*, do constituindo-se, da incerteza, da tensão constante entre unidade que iguala, unifica, universaliza, naturaliza e da diversidade que singulariza.

Todos os dias é um vai-e-vem
A vida se repete na estação
Tem gente que chega pra ficar
Tem gente que vai pra nunca mais
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai e quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

- Estamos imersos nos perigos das armadilhas de um mundo que tende a negar a diferença, estabelecendo padrões de normalidade excludente, normas padronizadas, etiquetadas, estereotipadas, planejadas, que hierarquizam as diferenças, o humano. Para ilustrar, vale apresentar um acontecimento numa novela chamada *Páginas da Vida*, veiculada pela Rede Globo de Televisão no ano de 2007, de grande audiência na televisão brasileira, marcante pela sua preocupação em desconstruir estereótipos acerca de diferenças de gênero, necessidades especiais, étnicas, de estrutura familiar, classe social... Em toda sua trajetória a novela fortalece as diferenças e finaliza com um castigo a um dos vilões (José Mayer, personagem Greg), que rendeu muitas gargalhadas na novela e, creio, fora das telas: o mesmo ficou manco, coxo.

Pouco tempo depois, num programa de grande audiência na TV Educativa, SEM CENSURA, o acontecido volta à tona, pelo menos para mim, ao ouvir uma atriz da novela Lilia Cabral (personagem Marta), pessoa inteligente, sensível, crítica, que representou uma das vilãs da novela, dizer que preferia acabar louca a manca.

Imagino, obviamente marcada pelo meu lugar no mundo, como as pessoas que são coxas e mancadas se sentiram diante do fato da sua condição ser um castigo e motivo de risos e gargalhadas, como as pessoas *Cláudias - Cláudios*² se sentiram. A armadilha, na nossa opinião, está no fato do programa ter como um dos eixos não discriminar negativamente as diferenças humanas, ser esta uma das suas preocupações centrais.

- Temos como referência que qualquer caminho trilhado no sentido de lidar com a dupla diversidade - igualdade, com o foco na dimensão das diferenças humanas no cotidiano educacional, não será neutro, nem ideal, mas comprometido com nossas visões de mundo, com valores que incorporamos ao longo da nossa existência e tecido por concepções a respeito da vida. Ou seja, nossas visões, nossos parâmetros não estão deslocados do mundo, mas são social, política, histórica e ideologicamente determinados. O que não é sinônimo de fatalidade ou de passividade diante da vida, dos acontecimentos, da realidade. Talvez, um alerta para o fato de não sermos os “donos” da verdade.

- Acredito na íntima relação entre cotidiano e diferença. Como creio que, longe de ser algo de repetição estéril, o cotidiano é o campo da livre manifestação fértil da diferença e a diferença é a expressão criativa da vida.

Parem de falar mal da rotina
parem com essa sina anunciada
de que tudo vai mal porque se repete.
Mentira. Bi-mentira:
não vai mal porque repete.
Parece, mas não repete
não pode repetir
É impossível!
O ser é outro
o dia é outro
a hora é outra
e ninguém é tão exato.

(Elisa Lucinda)

Mas o que entendo como cotidiano?

Vou me valer da minha tese de doutoramento³, em especial, da parte em que reflito o cotidiano:

EXU 4

Certa vez, dois amigos de infância, que jamais discutiam, esqueceram-se, na segunda-feira, de fazer-lhe as oferendas devidas.

Foram para o campo trabalhar, cada um na sua roça.

As terras eram vizinhas, separadas apenas por um estreito canteiro.

Exu, zangado pela negligência dos dois amigos, decidiu preparar-lhes um golpe à sua maneira. Ele colocou sobre a cabeça um boné pontudo que era branco do lado direito e vermelho do lado esquerdo.

Seguiu, depois, o canteiro, chegando à altura dos dois trabalhadores amigos e, muito educadamente, cumprimentou-os: “Bom trabalho, meus amigos!”

Estes gentilmente responderam-lhe: “Bom passeio, nobre estrangeiro!”

Assim que Exu afastou-se, o homem que trabalhava no campo à direita, falou para o companheiro: “Quem pode ser este personagem de boné branco?” “Seu chapéu era vermelho,” respondeu o homem do campo à esquerda.

“Não, ele era branco, de um branco de alabastro, o mais belo branco que existe!”

“Ele era vermelho, um vermelho escarlate de fulgor insustentável!”

“Ele era branco, trata-me de mentiroso?”

“Ele era vermelho, ou pensas que sou cego?”

Cada um dos amigos tinha razão e estava furioso da desconfiança do outro. Irritados, eles agarram-se e começaram a bater-se até matarem-se a golpes de enxada.

Exu estava vingado!

(Verger, 1987: 11-13)

Simbolizado por Exu, cotidiano seria criatividade, tensões, cisão, ousadia, simulação, dissimulação, sabedoria, astúcia, desejo, prazer, contradição, síntese, fluidez, insustentabilidade, liberdade, vida.

Circunscrição de circularidades, de acontecimentos, de potência. Território de encontros, embates, paradoxos, avanços e recuos. Incapturável, imprevisível, como, talvez, num caleidoscópio – dependendo de como olhamos, podemos perceber imagens em movimentos diversos nos quais, ainda que em flashes, algo de visível e previsível pode ser capturado. Território onde os opostos se cruzam, dialogam, interpenetram.

“O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo... O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este “mundo memória”(...). É um mundo

que amamos profundamente, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres”

(Certeau, 1996: 31)

Focar o cotidiano para refletir Educação-Diversidade-Igualdade ancora-se na crença de que o cotidiano nos possibilita ouvir/ver a multiplicidade de vozes, cores, tessituras que se entrelaçam, se sobrepõem, isolam-se, contrastam-se, interagem... Afinal:

“A Vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias”. (Heller, 1989:17)

O cotidiano escolar é complexo, sobretudo ao pensá-lo na perspectiva da diferença; afinal, fomos formados como docentes tendo como raízes uma visão universalista e convergente do pensamento humano. Nós nos iludimos com unanimidade, com respostas únicas, presentes únicos, tempos únicos, imagens padronizadas que representam os alunos ideais, provas objetivas, o discurso da normalidade, da ordem, da evolução, do progresso, do desenvolvimento evolutivo, da família estruturada num padrão que não corresponde à diversidade de organizações familiares existentes. Muitos de nós fomos formados na perspectiva de que educação, escola era para moldar os alunos, controlar, preparar para a vida (Estranho, não? O que acontece no aqui - agora do cotidiano não é vida?), dar aula, ou preencher o ser vazio com o conhecimento acumulado pela humanidade e socialmente valorizado, ou permitir que este conhecimento preexistente neste aluno possa se desenvolver, se expandir com a intervenção do professor. Uma formação na qual o controle parece ser uma das palavras-chave. Exemplos não nos faltam: Controle do espaço – há escolas que já possui até circuito interno de TV, até no banheiro; controle da fala – parecem familiares expressões como: ‘silêncio!’, `não é assim que se fala essa palavra, menino!’, `cala a boca!’, ‘psiuuuu!’; ‘não pode’; `senta!’; controle do corpo – modos de andar, sentar, falar, sorrir, pegar nos talheres, hora de ir ao banheiro, de beber água; da normalidade, sobretudo quando a criatura tem comportamentos que “atrapalham” o “bom” andamento do cotidiano.

Um caso real:

Vou compartilhar este acontecimento do qual tive a oportunidade de tomar ciência. Acontecimento ilustrativo desta dimensão paradoxal que é o cotidiano.

O foco é uma diretora adjunta, eleita, de uma escola pública de ensino fundamental e, também, docente em exercício, de uma turma de estudantes de 7 a 8 anos. Mulher inteligente, com curso universitário completo, profissional séria e comprometida, ao seu modo e ao modo hegemônico da instituição onde ela é gestora, afinal, é eleita, com o ensino e desenvolvimento dos estudantes.

A escola conseguiu uma visita a uma instituição cultural, pela segunda vez. Desta vez, inclusive, graças a esta diretora. Ela acompanhava duas turmas nesta visita, com mais duas professoras. Durante uma atividade de artes plásticas de que os estudantes participavam por ocasião da referida visita/passeio, numa ampla sala, com mesas e banquinhos, ela se dirige a uma das docentes e diz: - Viu?! Meus alunos que são chamados de favelados, quase ninguém caiu do banquinho, só uma, o de vocês já conseguiram cair umas quatro vezes.

A outra professora também riu e respondeu: - São favelados só no ônibus.

(Explicação: A escola, na segunda visitação, conseguiu um ônibus disponibilizado pela instituição cultural visitada e o mesmo é bem bonito e confortável, já o da primeira visitação era precário)

Com esta situação, quero destacar o quanto discursos podem denunciar visões de mundo, preconceitos, tipos de controle explícito e implícito, expectativas e de como as diferenças podem, creio, estar em atrito no cotidiano escolar.

E a Diferença?

Mas eu também sei ser careta
De perto ninguém é normal
Às vezes segue em linha reta
A vida, que é meu bem, meu mal

Caetano Veloso

Tenho ouvido em muitos espaços educativos um discurso recorrente: temos que respeitar as diferenças; temos que respeitar o diferente. Contudo, após investigar de que diferenças falam, descubro que, em muitos casos, estão falando dos portadores de necessidades especiais, dos negros, dos indígenas, dos que pensam e agem de maneira diferente da pretensa normalidade, unanimidade de um grupo, o divergente.

Contudo, o que é isso de Diferente?

Em vários aspectos, todos somos diferentes, afinal, ninguém é igual, no sentido estrito da palavra, a ninguém. Não é mesmo? De outro lado, mesmo sendo todos diferentes, somos todos semelhantes, e esta semelhança nos caracteriza como sendo da espécie humana.

Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie *Homo sapiens*. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno.
(Edgar Morin)

Destaco, agora, pontos que considero relevantes para a instituição de práticas pedagógicas na perspectiva multicultural crítica, criativa e inclusiva e que ainda transita no fio da navalha da tensão diversidade-igualdade num cotidiano escolar, ainda marcado por uma lógica de produção e reprodução de desigualdades e injustiças sociais, étnicas e culturais.

Um olhar do Corpo Humano

Existem tantas possibilidades de pensarmos o corpo humano na perspectiva da diferença e da diversidade.

Fascina-me ver que os corpos humanos são tão diversos e ao mesmo tempo tão iguais. Isso se aplica a tudo no mundo, mas é instigante observarmos a nossa rica diversidade e, ao mesmo tempo, triste ao perceber como há uma tendência ainda hegemônica em justamente capturar essas diversidades, aprisionando-as em padrões mercadológicos.

Uma das minhas referências neste texto é o Edgar Morin (2000), como já se pôde perceber. Ele, na minha interpretação, apresenta-nos uma visão de condição humana que me leva a pensar no corpo humano como vitalmente dependente da biosfera terrestre, como um corpo terrestre; como um ser cósmico, uma vez que, por estarmos no cosmos em expansão, também, como ele que nos constitui, somos resultantes de bilhões de galáxias e de bilhões e bilhões de estrelas; como seres físicos, somos resultantes da “porção de substância física que organizou-se de maneira termodinâmica sobre a Terra; por meio de imersão marinha, de banhos químicos, de descargas elétricas, adquiriu vida.” E enquanto humanos, carregamos no nosso corpo incontáveis e infinitas possibilidades de ser humano.

Somos únicos e somos múltiplos, somos uma riqueza de possibilidades. E podemos nos conectar, nos compreender, nos comunicar, interagir...nos constituir em comunidades, grupos, sociedades, civilizações... e compartilhar as graças e desgraças da existência.

Afetividade

(...) Para restaurar a paixão pela sala de aula ou para estimulá-la na sala de aula, onde ela nunca esteve, nós, professores e professoras, devemos descobrir novamente o lugar, o Eros dentro de nós próprios e, juntos, permitir que a mente e o corpo sintam e conheçam o desejo.

Bell Hooks

Recentemente, ouvi uma professora readaptada, ou seja, fora da docência por problemas de saúde, dizer, com tom magistral de verdade absoluta, que o que tinha estragado a Educação foi a Psicologia. Fiquei pensando, ruminando, o que ela havia dito, e, embora a Psicologia não tenha tanto poder e história a ponto de estragar a Educação, aquela afirmação tinha um dado de realidade na medida em que há ou houve por meio dos educadores/as uma supervalorização da psicologia para explicar e compreender as questões da educação, uma certa psicologização dos processos educacionais ao se privilegiar processos subjetivos dos estudantes e aspectos de ordem psicopedagógicos. A crítica a esta tendência acabou por causar, sobretudo nos meios mais críticos da educação uma certa rejeição a uma dimensão importante do humano: a dimensão afetiva.

A capacidade de afetar e ser afetado pelo outro, pelo entorno, é fundamental para um processo educativo que se propõe voltado para a compreensão e respeito às diferenças que

nos constitui como sujeitos do cotidiano. O afetar e ser afetado, que ocorre em todo momento no mundo, num mundo que não é estático, imóvel, parado, imutável, não pode ser visto como irrelevante. Como, diante desta circularidade, deste movimento, desta dinâmica, negligenciar, subestimar os aspectos afetivos do humano, como negligenciar as emoções, os sentimentos os afetos, os desejos?

Diversos modos de conhecer e dizer o mundo, a vida.

(...) é impossível conceber a unidade complexa do ser humano pelo pensamento disjuntivo, que concebe nossa humanidade de maneira insular, fora do cosmos que a rodeia, da matéria física e do espírito do qual somos constituídos, bem como pelo pensamento redutor, que restringe a unidade humana a um substrato puramente bioanatômico. As ciências humanas são elas próprias fragmentadas e compartimentadas.

(...) é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes...

Edgar Morin

Como provavelmente se pôde perceber, procurei tecer este texto com músicas, causos, poesias, fragmentos teóricos, conto/lenda/mito, com a intenção de apresentar diversos modos de expressão de compreensão e percepção do mundo. Nem a ciência, nem a racionalidade são os únicos, verdadeiros e mais importantes caminhos de compreensão e apresentação/explicação do mundo. Adoro a idéia preconizada por Muniz Sodré (2000:21), referindo-se à cultura democrática:

(...) é preciso reinventar essa democracia dentro do quadro social da realidade brasileira, que é um quadro de heterogeneidade cultural, de diversidade cultural. Então, é preciso que a atitude e o comportamento democrático se estenda organicamente a todo mundo que partilha da vida social. E se estenda de modo a ficar claro que a verdadeira riqueza social e a verdadeira liberdade de criação social estão no reconhecimento da multiplicidade de pontos de geração de saber; estão sem dúvida na cultura européia dos livros e na cultura européia das ciências e das artes, mas estão também na maneira como os excluídos, os subalternos administram o território, lidam com o território, lidam com o dia-a-dia, com o cotidiano.

Num tempo de encanto pelas Diferenças, num tempo de mudanças e num tempo de perplexidade diante do prazer que o conhecer o mundo oferece, deparo-me com um caminho na construção de uma Educação para todos e todas: O DIÁLOGO DAS DIFERENÇAS. E para isso, oro o Tempo:

Tempo,
Tempo...
Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo tempo tempo tempo
Entro num acordo contigo
Tempo tempo tempo tempo

Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo tempo tempo tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo tempo tempo tempo

Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo tempo tempo tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo tempo tempo tempo

Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo tempo tempo tempo
Quando o tempo for propício
Tempo tempo tempo tempo

Caetano Veloso

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: **A importância do ato de ler em três artigos que se complementam**. São Paulo, Autores Associados, Cortez, 1985.

BELL HOOKS. Eros, erotismo e processo pedagógico. In: Louro, Guacira (org) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autentica, 1999. p.113 –123
MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

SODRÉ, Muniz. Cultura, diversidade cultural e educação. In: Trindade, Azoilda Loretto da e Santos, Rafael (Org.). **Multiculturalismo – mil e uma faces da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **O racismo no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: FGV/IESAE. Dissertação de Mestrado, 1994.

_____. **A formação da Imagem da Mulher Negra na mídia**. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 2005.

_____. **Reinventando A Roda: Experiências Multiculturais de Uma Educação Para Todos** Boletim do Programa Salto para o Futuro, TVESCOLA, 2002.

TRINDADE, Azoilda Loretto da e SANTOS, Rafael (Org.). **Multiculturalismo – mil e uma faces da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Notas

¹ Pedagoga e psicóloga, mestre em Educação e Doutora em Comunicação. Coordenadora do Projeto Diálogo entre Povos

² Aprendi num desses dicionários de significados dos nomes que Cláudia/Cláudio significa coxo/a, manco/a In: <http://www.ebb.com.br/nomes.php?letra=Claudio&origem=> . Acesso em 17 dez 2007.

³ Trindade, Azoilda Loretto da. A formação da Imagem da Mulher Negra na mídia. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 2005

⁴ Intermediário entre os deuses do candomblé e os pobres mortais, Exu é senhor dos destinos, guardião dos caminhos e das encruzilhadas. Só ele pode facilitar a comunicação com os orixás e a ele são prestadas as homenagens iniciais em todas as festas de terreiro. **Mas a fama que carrega é injusta – Exu nada tem a ver com o demônio da cultura ocidental**. Dono de mistérios insondáveis, este mensageiro dos deuses concilia força, criatividade, poder e astúcia, mas pode se revelar também prestativo e protetor. Na África e entre os estudiosos do candomblé, Exu será sempre sinônimo de vida, liberdade e axé. <http://ilarioba.tripod.com/media/correio8-31-02.htm>